**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**
**FACULDADE DE ARTES VISUAIS**
**BACHARELADO EM DESIGN GRÁFICO**

NICOLAS ARANTES RODRIGUES

# **BUFU:** Um fotolivro sobre representatividade trans na cultura *ballroom* goiana

GOIÂNIA
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

# TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Nicolas Arantes Rodrigues

Título do trabalho: BUFU: Um fotolivro sobre representatividade trans na cultura ballroom goiana

**2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento** [ X ] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

**Casos de embargo:**

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**

Documento assinado eletronicamente por **Rosana Horio Monteiro**, **Professor do Magistério Superior**, em 24/11/2025, às 17:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Nicolas Arantes Rodrigues**, **Discente**, em 26/11/2025, às 09:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5783454** e o código CRC **3395B529**.

NICOLAS ARANTES RODRIGUES

# **BUFU:**[1] Um fotolivro sobre representatividade trans na cultura *ballroom* goiana

Trabalho conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Design Gráfico da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).
Orientadora: Profª Drª. Rosana Horio Monteiro

GOIÂNIA
2025

[1] **Bufu:** Termo usado na cultura ballroom para se referir a algo extravagante e bonito. Veja glossário em Apêndice A

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rodrigues, Nicolas Arantes
BUFU [manuscrito] : Um fotolivro sobre representatividade trans na cultura ballroom goiana / Nicolas Arantes Rodrigues. - 2025.
69 f.

Orientador: Prof. Rosana Horio Monteiro.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Design Gráfico, Goiânia, 2025.
Apêndice.
Inclui fotografias, lista de figuras.

1. fotolivro. 2. representatividade trans. 3. ballroom. I. Monteiro, Rosana Horio, orient. II. Título.

CDU 745/749

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

# ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e seis dias do mês de novembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "BUFU: Um fotolivro sobre representatividade trans na cultura ballroom goiana", de autoria de Nicolas Arantes Rodrigues, do curso de Design Gráfico, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.ª Dr.ª Rosana Horio Monteiro - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Wagner Bandeira da Silva (FAV/UFG) e prof. Dr. Glauco Batista Ferreira (FCS/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora considerou o TCC **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Rosana Horio Monteiro**, **Professor do Magistério Superior**, em 05/12/2025, às 12:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Wagner Bandeira Da Silva**, **Professor do Magistério Superior**, em 05/12/2025, às 12:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Glauco Batista Ferreira**, **Professor do Magistério Superior**, em 05/12/2025, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5838925** e o código CRC **CE514DB4**.

**Referência:** Processo nº 23070.058909/2025-95 SEI nº 5838925

**RESUMO**

Este projeto propõe o desenvolvimento de um fotolivro que documenta a representatividade trans na cena *ballroom* de Goiânia. A cultura *ballroom*, com raízes na resistência de corpos dissidentes, especialmente de pessoas LGBTQIA+, transgêneros, pretas e latinas, configura-se como um espaço político-estético de performance, pertencimento e afirmação identitária. Com base em uma abordagem fotodocumental, o trabalho busca explorar a pluralidade de corpos, estéticas e narrativas que coexistem nas *balls*, dando foco às pessoas trans, dialogando com os elementos visuais e simbólicos que compõem essa cultura. O fotolivro se estrutura como um artefato gráfico que, além de registrar visualmente essa cena, propõe uma leitura crítica e poética sobre visibilidade trans, corporeidade e expressão de gênero, resgatando também os contextos históricos que moldaram a cultura *ballroom* como território de luta, celebração e sobrevivência.

**Palavras-chave:** Representatividade Trans; Cultura Ballroom; Fotolivro

## ABSTRACT

This project proposes the creation of a photobook that documents trans representation within the ballroom scene of Goiânia. Rooted in the resistance of dissident bodies, especially LGBTQIA+ trans, black, and latinx individuals, ballroom culture emerges as a political-aesthetic space of performance, belonging, and identity affirmation. Grounded in a photodocumentary approach, the work seeks to explore the plurality of bodies, aesthetics, and narratives that coexist within the balls, focusing particularly on trans individuals. It engages with the visual and symbolic elements that define ballroom culture. The photobook is structured as a visual artifact that, beyond documenting the scene, offers a critical and poetic reading of trans visibility, corporeality, and gender expression, while also recovering the historical contexts that have shaped ballroom culture as a space of resistance, celebration, and survival.



**Keywords:** Trans Representation; Ballroom Culture; Photobook

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Flyer de categorias da Birthday Ball Virgil Abloh.....14
Figura 2 – Lendas do ballroom posam juntas. No fundo: Angie Xtravaganza, Kim Pendavis, Pepper Labeija, Junior Labeija. No meio: David Ultima Xtravaganza, Octavia St. Laurent, Dorian Corey, Willi Ninja. Na frente: Freddie Pendavis.....17
Figura 3 - Jurados dando tens na ball: Voguing and the House Ballroom Scene of New York City.....21
Figura 4 - Mother Alessandra Mamba Negra fazendo floor performance, na rollcal da mini ball de Páscoa, na Federação de Teatro de Goiás (FETEG) em Goiânia... 22
Figura 5: Etapas Metodologia Bruno Munari.....24
Figura 6: Revista Balam edição nº 8, textura.....30
Figura 7: Revista Balam edição nº 8, sobreposição..... 31
Figura 8: Fotolivro Performance Realness, tipografia.....31
Figura 9: Fotolivro Lacração..... 32
Figura 10: Fotolivro Lacração 2..... 32
Figura 11: Efeito recorte de colagem..... 36
Figura 12: Resultado final pós-produção..... 37
Figura 13: Resultado final pós-produção com mapa de gradiente..... 38
Figura 14: Fonte Principal.....41
Figura 15: Fonte Principal Aplicada..... 41
Figura 16: Fonte Secundária.....42
Figura 17: Fotografia de página inteira..... 43
Figura 18: Fotografia de página mais aberta..... 43
Figura 19: Paleta de cores.....45
Figura 20: Processo encadernação.....46
Figura 21: Processo encadernação 2.....46
Figura 22: Resultado Final Encadernação.....47
Figura 23: Resultado Final Encadernação 2.....47
Figura 24: Folha de guarda de entrada.....48
Figura 25: Ficha Técnica.....48
Figura 26: Introdução..... 49
Figura 27: Capa primeiro capítulo.....49
Figura 28: Página 1.....49
Figura 29: Página 2.....50
Figura 30: Página 3.....50
Figura 31: Página 4.....50
Figura 32: Página 5.....51
Figura 33: Página 6.....51
Figura 34: Página 7.....51

Figura 35: Página 8.....52
Figura 36: Página 9.....52
Figura 37: Página 10.....52
Figura 38: Página 11.....53
Figura 39: Segundo Capítulo.....53
Figura 40: Página 12.....53
Figura 41: Página 13.....54
Figura 42: Página 14.....54
Figura 43: Página 15.....54
Figura 44: Página 16.....55
Figura 45: Página 17.....55
Figura 46: Página 18.....55
Figura 47: Página 19.....56
Figura 48: Página 20.....56
Figura 49: Página 21.....56
Figura 50: Página 22.....57
Figura 51: Página 23.....57
Figura 52: Página 24.....57
Figura 53: Terceiro Capítulo.....58
Figura 54: Página 25.....58
Figura 55: Página 26.....58
Figura 56: Página 27.....59
Figura 57: Página 28.....59
Figura 58: Página 28.....59
Figura 59: Página 29.....60
Figura 60: Página 30.....60
Figura 61: Página 31.....60
Figura 62: Página 32.....61
Figura 63: Créditos.....61
Figura 64: Folha de guarda de saída.....61

**SUMÁRIO**

**LISTA DE FIGURAS..... 9**
**SUMÁRIO..... 11**
**1. INTRODUÇÃO: DESIGN GRÁFICO COMO LINGUAGEM DE RESISTÊNCIA NA BALLROOM..... 13**
1.1. O design gráfico como potência visual de transformação e ativismo..... 13
1.2. Enquadrando o projeto editorial..... 15
1.2.1. A relevância do tema para o campo do design..... 15
1.3. Objetivos..... 15
1.3.1. Objetivos Gerais..... 15
1.3.2. Objetivos Específicos..... 15
**2. LEGENDARY: A CENA BALLROOM COMO REFERÊNCIA VISUAL E GRÁFICA 17**
2.1. Origem da cena ballroom..... 17
2.1.1. Goiânia em foco: identidade, apropriação, adaptação e visualidade local 18
2.2. Estética e linguagem das balls: performance, casas, categorias e títulos..... 19
**3. CATEGORY IS: MÉTODO..... 24**
3.1. Metodologia e pesquisa de campo com a comunidade..... 25
3.2. Metodologia e construção editorial..... 26
**4. READ THE ROOM: FOTOLIVROS E ANÁLISE DE SIMILARES..... 28**
4.1. Fotolivro: definições, narrativa visual e potencial expressivo..... 28
4.2. Análise de similares: referências visuais e editoriais..... 29
**5. STRIKE A POSE: PROCESSO FOTOGRÁFICO E LINGUAGEM VISUAL..... 35**
5.1. Concepção fotográfica..... 35
5.2. Pós-produção e tratamento das fotografias..... 36
5.3. Narrativa visual e representações trans na fotografia..... 38
**6. BRING IT TO THE PAGE: DESENVOLVIMENTO DO PROJETO EDITORIAL..... 40**
6.1. Da ideia ao estilo: construção do conceito visual e identidade editorial..... 40
6.2. Decisões gráficas..... 40
6.2.1. Tipografia..... 40
6.2.2. Grid e layout..... 42
6.2.3. Hierarquia visual, composição e paleta de cores..... 44
6.3. Materialidade do projeto: papel, impressão, encadernação e acabamentos. 45
6.4. Resultado Final Digital..... 48
**7. YOU OWN EVERYTHING: CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 62**
**8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 62**
**APÊNDICE A - GLOSSÁRIO..... 64**

# 1. INTRODUÇÃO: DESIGN GRÁFICO COMO LINGUAGEM DE RESISTÊNCIA NA BALLROOM

A cultura *ballroom* é uma cena artística, relacionada à moda, dança e performance, que visa dar visibilidade e celebrar corpos dissidentes, sendo composta majoritariamente por pessoas LGBTQIA+, negras e latinas. Com o objetivo de dar visibilidade à cena *ballroom* e aos corpos que a compõem, especialmente para pessoas transgêneras, este projeto propõe a criação de um fotolivro que celebra essa forma de resistência de corpos marginalizados, com ênfase na presença e nas vivências de pessoas trans. A proposta parte da perspectiva de um pesquisador transmasculino atuando inicialmente como espectador na cena *ballroom* de Goiânia desde 2023, e agora fotografando a mesma, a partir de um primeiro contato viabilizado por redes de amizade, buscando uma construção visual ética e alinhada à comunidade.

Dentro desse contexto, o design é compreendido como uma linguagem política e de resistência, que atua não somente na criação de peças visuais, mas também como instrumento de preservação e expressão das narrativas marginalizadas que integram essa cena. O projeto se desenvolve na intersecção entre design, fotografia e cultura *ballroom* em Goiânia, analisando como os elementos visuais funcionam como meios de comunicação, afirmação e enfrentamento das normativas sociais e estéticas que historicamente marginalizam determinados corpos.

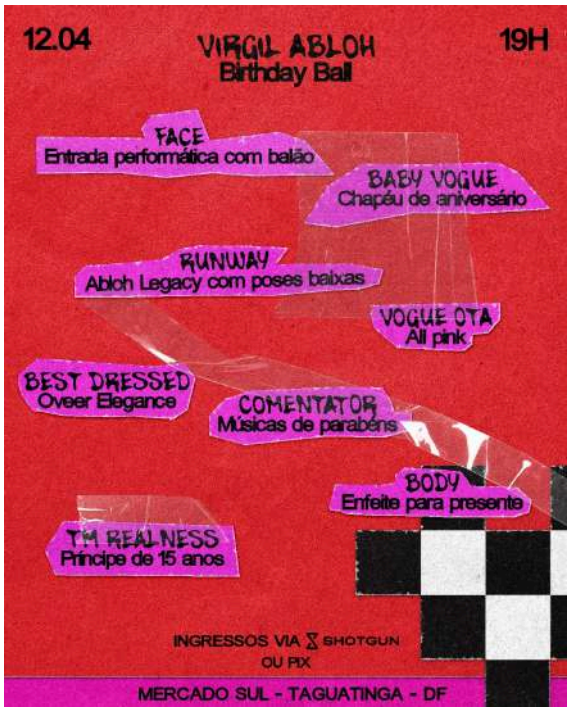
## 1.1. O design gráfico como potência visual de transformação e ativismo

O design gráfico, enquanto linguagem visual e prática cultural, possui um papel significativo na construção de discursos e na articulação de mensagens que vão além da estética, atuando como ferramenta de transformação social e ativismo. De acordo com Braga (2011), o design é um fenômeno social, refletindo os anseios, valores e crenças de uma sociedade em constante transformação. A partir dessa perspectiva, o design se torna uma ferramenta de empoderamento coletivo, especialmente quando aliado a causas sociais, como os movimentos LGBTQIA+,

antirracistas e transfeministas, se tornando uma potência visual de engajamento e reconfiguração simbólica.

No contexto da cultura *ballroom*, por exemplo, a linguagem gráfica presente em flyers, zines e cartazes revela uma estética insurgente, que comunica pertencimento, memória e resistência. Esse mesmo entendimento orienta a construção do fotolivro, que, mais do que um suporte de imagens, é pensado como um objeto de narrativa visual e documental. Ele surge da relação entre fotografia, design, elementos textuais e recursos gráficos, que colaboram para construir uma narrativa aberta, mais livre para a interpretação do leitor do que nos livros textuais, já que a sequência proposta pelo autor nem sempre será seguida. Dessa maneira, as imagens não perdem seu sentido quando reorganizadas; elas apenas ressignificam a leitura, permitindo múltiplos caminhos interpretativos. Mais do que um simples suporte de imagens, esse tipo de projeto editorial é um meio de expressão artística e política, capaz de articular memórias, afetos e denúncias, funcionando como veículo de resistência e preservação de histórias marginalizadas. Assim, sua materialidade, sequenciamento visual e escolhas gráficas tornam-se fundamentais na construção de contra-narrativas, fortalecendo o design como prática ativista e instrumento de preservação de histórias marginalizadas.

Figura 1 - Flyer de categorias da Birthday Ball Virgil Abloh




Fonte: COB TV. Instagram, 2025

## 1.2. Enquadrando o projeto editorial

### 1.2.1. A relevância do tema para o campo do design

A relevância deste projeto reside na possibilidade de utilizar o design gráfico como uma prática social, política e cultural. Ao abordar a representatividade trans na cultura *ballroom* por meio da criação de um fotolivro, o projeto contribui para a valorização de narrativas historicamente marginalizadas, inserindo no campo do design uma estética contra-hegemônica, profundamente conectada às questões de identidade, pertencimento e resistência. A cultura *ballroom*, com sua visualidade própria e seus códigos estéticos singulares, representa um território fértil para reflexões sobre linguagem visual, produção simbólica e comunicação insurgente. Dessa forma, o trabalho propõe a utilização do design como uma ferramenta de escuta, representação e valorização de corpos que muitas vezes são esquecidos. Ao documentar e projetar visualmente corpos dissidentes, o projeto editorial se apresenta não apenas como um produto gráfico, mas como um instrumento de ativismo visual, contribuindo para a construção de um design mais plural, político e conectado com as urgências do tempo presente, podendo ser considerado um produto de design ativismo, que, segundo Fuad-Luke (2009, p. 27, tradução de Gheysa Caroline Prado), consiste em “o pensamento, a imaginação e a prática de design aplicada de forma intencional ou não intencional para criar uma contra-narrativa direcionada a gerar e balancear positivamente mudanças sociais, institucionais, ambientais e/ou econômicas”.

## 1.3. Objetivos

### 1.3.1. Objetivos Gerais

Criar um fotolivro que documente a representatividade de pessoas trans dentro da cultura *ballroom* de Goiânia, explorando suas experiências, performances e sua importância nessa cena.

### 1.3.2. Objetivos Específicos

- Fotografar pessoas trans participantes da cena *ballroom* de Goiânia, tanto como *performers* quanto como frequentadores.

- Documentar as diferentes formas de expressão e resistência dentro dessa cultura.
- Analisar a importância da *ballroom* como um espaço de inclusão e empoderamento para pessoas trans.

# 2. LEGENDARY: A CENA BALLROOM COMO REFERÊNCIA VISUAL E GRÁFICA

## 2.1. Origem da cena ballroom

A cultura *ballroom*, originada como forma de resistência por corpos dissidentes, emergiu nos Estados Unidos, especificamente no bairro do Harlem, Nova York, entre as décadas de 1970 e 1990. Naquela época os bailes de máscaras eram comuns, sendo frequentados por indivíduos cis-heteronormativos e brancos, e não sendo um ambiente seguro para corpos dissidentes. Esses bailes, organizados por *drag queens* em uma época em que o *crossdressing* e a homossexualidade eram criminalizados, buscavam ser mais inclusivos. No entanto, ainda reproduziam o racismo estrutural, privilegiando competidores brancos, mesmo quando pessoas negras apresentavam maior conformidade nas categorias, tendo um *look* que se adequava mais às regras de cada categoria, ou com uma performance mais limpa e fluída, de acordo com os movimentos esperados para cada momento. Em resposta a essas limitações, foi criada a cena *ballroom*, cujo propósito era oferecer um espaço seguro para pessoas *queers*, negras e latinas. Durante a epidemia de HIV/AIDS na década de 1980, a cena se consolidou também como um ambiente de acolhimento para pessoas soropositivas, predominantemente pertencentes à comunidade LGBTQIA+.

Figura 2 – Lendas do ballroom posam juntas. No fundo: Angie Xtravaganza, Kim Pendavis, Pepper Labeija, Junior Labeija. No meio: David Ultima Xtravaganza, Octavia St. Laurent, Dorian Corey, Willi Ninja. Na frente: Freddie Pendavis.

Fonte: Janus Films, 1990.

A estrutura da cultura *ballroom* é organizada em *"houses"*, ou casas, que se estruturam como famílias escolhidas ou pós-sanguíneas, que oferecem suporte afetivo, social e cultural, especialmente para aqueles que foram rejeitados por suas famílias biológicas. Segundo Correia (2022, p.03), a *ballroom*, além de espaço estético, é também um ato político, pois:

> A Ballroom é um ato político que projeta uma realidade onde grupos que não têm acesso a determinados espaços e profissões podem demonstrar sua capacidade e habilidade de viver todas as experiências que a cidade lhes nega.

### 2.1.1. Goiânia em foco: identidade, apropriação, adaptação e visualidade local

No Brasil, o *vogue* foi conhecido antes mesmo da cultura *ballroom* ganhar espaço de fato. Durante a década de 1990, Goiânia já tinha registros de grupos de dança que praticavam *vogue*, embora de maneira totalmente desvinculada de seu contexto social, político e cultural. O *vogue* era visto apenas como uma expressão estética ligada à cultura pop, sem carregar os significados de resistência, acolhimento e pertencimento que estruturam a *ballroom*.

Essa realidade começou a mudar em 2014, quando surgiram as primeiras *balls* no país, acompanhadas da fundação da primeira house brasileira: a House of Hands Up, criada em Brasília por Kona Zion. A própria *Mother* Zion, em entrevista ao livro *"Quero mais é tocar fogo: o voguing e a cena Ballroom no Brasil"* (2023), afirma que a cultura *ballroom* brasileira possui uma identidade própria, com elementos do funk, capoeira e samba, "pois é um espaço de comunidade política, artística, racial, de gênero e sexualidade que ela cresce de acordo com a necessidade social daquele espaço e tudo o que está acontecendo ao redor" (Zion, 2021, p. 97).

Em Goiânia, a *ballroom* começou a se consolidar em 2017, crescendo de maneira acelerada, especialmente durante a pandemia, quando o ambiente digital possibilitou maior articulação entre membros da cena. A primeira casa da cidade, a House of A'Trois, foi fundada em 2018 pela *Mother* Flávys Guimarães AtrOis, a *Princess* Gleyde Lopes AtrOis e o *Father* Lucas Syuga AtrOis. Nos anos seguintes, outras houses foram surgindo, como a House of Witch, criada em 2019 pela *Mother* Roh Drag Witch, e a Casa Dionisi, fundada em 2020 por Carlos Carpa e Stella de Eros, que teve papel importante no fortalecimento da cena local, participando de

eventos culturais como o festival Vaca Amarela[2]. A Casa Dionisi, embora tenha encerrado suas atividades em 2022, foi fundamental no crescimento da cultura *ballroom* em Goiânia. Ainda em 2020, surge a House of Laroyê, com uma proposta centrada na visibilidade de pessoas trans negras. Atualmente, a cena segue em constante expansão, com novas *houses* como a Casa de Arapô e a House of Cyclone, que continuam fortalecendo a *ballroom* goiana e ocupando espaços nos circuitos culturais da cidade.

## 2.2. Estética e linguagem das balls: performance, casas, categorias e títulos

A cultura *ballroom* é, antes de tudo, uma manifestação estética, simbólica e política, onde tudo se transforma em performance. Essa estética não se restringe aos eventos, mas se manifesta também no cotidiano de quem faz parte da cena. É nas *balls* que os códigos simbólicos ganham vida: as categorias, os julgamentos feitos por jurados, as performances, a moda, a música e, sobretudo, os corpos que rompem normas e constroem outras formas possíveis de existir.

Compreender a estética das *balls* exige uma análise que vai além da superfície visual; trata-se de investigar como esses códigos performáticos são construídos e comunicam subjetividades, pertencimentos e lutas. Como explica Carlson (2010, p. 15), a performance na *ballroom* opera em dois sentidos: um relacionado à exibição de habilidades e outro vinculado à representação de modelos de comportamento culturalmente codificados. Na *ballroom*, esses dois conceitos coexistem. As competições combinam dança, como o *vogue*, e desfiles, mais conhecido como *runways*, onde seus participantes exibem seus *looks* e maquiagens, geralmente produzidos por eles mesmos. Além disso, as performances nas *balls* são no *freestyle*, ou seja, não são coreografadas ou planejadas, as batalhas são decididas na hora, sem que os participantes saibam antecipadamente quem enfrentará quem ou em qual categoria. Mesmo assim, existe um forte senso de preparação coletiva; as pessoas treinam, pesquisam e trocam experiências para aprimorar suas habilidades, garantindo que, mesmo sem roteiros fixos, as

[2] 1. O Vaca Amarela é um festival de música e artes realizado anualmente em Goiânia desde 2001. Reconhecido por valorizar a produção cultural independente, o evento reúne artistas locais e nacionais em apresentações de música, performances e debates, com foco em diversidade, juventude e resistência artística.

apresentações tenham potência técnica e estética. Além das *balls*, também acontecem eventos como *vogue nights* e mini *balls*, que seguem o mesmo estilo das *balls*, porém são considerados eventos menores.

Esses eventos costumam começar pelo *rollcall*, que funciona como uma chamada pública dos participantes presentes. Esse momento pode ser feito de forma geral, anunciando todos, ou focado nas figuras de maior reconhecimento, como no LIPSS (*Legends, Icons, Pioneers, Statements and Stars*), ou no LSS (*Legends, Statements and Stars*). Após o *rollcall*, as competições começam e se desenrolam entre diversas categorias, onde cada participante busca conquistar o *Grand Prize*.

O funcionamento das batalhas envolve algumas figuras fundamentais, como o *chanter*, que é responsável pelos *chants*, que são vocalizações rítmicas que acompanham e impulsionam as performances; o *commentator* que é quem conduz a dinâmica do evento, narra as apresentações, provoca, empolga e convoca os participantes, mantendo a energia da *ball* em alta; o DJ, cuja função é conduzir toda a trilha sonora, que costuma transitar entre *vogue* beat, house, techno, funk, hip-hop e, eventualmente, pop, dependendo da proposta da *ball* e da comunidade local. Já o júri é composto por pessoas de grande reconhecimento na cena, cuja função é avaliar se os competidores estão alinhados com os critérios da categoria disputada, atribuindo notas para os participantes.

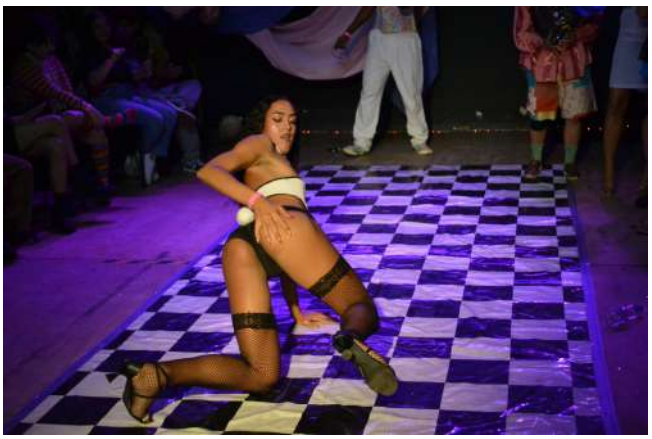
As competições seguem uma estrutura em duas etapas: inicialmente, os competidores apresentam suas habilidades na categoria que está sendo disputada, buscando conquistar a pontuação máxima de todos os jurados, os chamados *tens*. Caso obtenham a nota 10 de todos os jurados, avançam para a fase seguinte; caso contrário, recebem um *chop* (eliminação). A segunda etapa consiste nas batalhas diretas entre participantes, até que reste um vencedor, que recebe o *Grand Prize* daquela categoria.

Figura 3 - Jurados dando *tens* na ball: *Voguing and the House Ballroom Scene of New York City*

Fonte: Chantal Regnault. *1989–1992.*

Dentre as categorias mais reconhecidas da cena, destaca-se o *vogue*, subdividido em três estilos: *Old Way*, inspirado nas poses das modelos em revistas de moda; *New Way*, que valoriza flexibilidade, agilidade e, por vezes, elementos de contorcionismo; e *Vogue Femme*, que enfatiza gestualidades femininas e sensualidade. Esta última possui cinco elementos básicos: *catwalk* (desfile com destaque para os quadris), *duckwalk* (caminhada agachada), *hands performance* (uso expressivo das mãos), *floor performance* (movimentos no chão com conotação sensual) e *spin & dip* (giros e quedas controladas ao solo). Outras categorias incluem *Face* (beleza facial e expressão de confiança), *Body* (valorização da corporeidade em diferentes formatos, conforme o tipo da subcategoria) e *Realness*, que avalia a habilidade de se apresentar conforme normas cisheteronormativas, em subcategorias como *butch queen realness*, *schoolboy/schoolgirl realness* e *executive realness*. Esta última categoria, em particular, atua como crítica performativa aos papéis sociais impostos, demonstrando que corpos dissidentes podem, e devem, ocupar qualquer espaço.

Figura 4 - *Mother* Alessandra Mamba Negra fazendo *floor performance,* na *rollcal* da mini *ball* de Páscoa, na Federação de Teatro de Goiás (FETEG) em Goiânia



Fonte: autoria própria, 2025

Parte importante da dinâmica da *ballroom* são os títulos honoríficos, que operam como marcos simbólicos e de reconhecimento dentro da cena. Títulos como *prince*, *princess*, *empress*, *pioneer*, *legend*, *statement*, *star*, *icon*, entre outros, operam como marcadores simbólicos de trajetória, mérito e reconhecimento dentro da cena. Esses títulos são conferidos com base no tempo de atuação da pessoa na cena, sua excelência performática, contribuições artísticas, engajamento com a produção dos eventos e sua atuação como agente de acolhimento e fortalecimento da comunidade. A nomeação pode ser realizada por uma liderança da casa (como *mother* ou *father*) ou por indivíduos que já possuem determinado um título mais influente, como *pioneer* e *legend*. Tal prática constitui uma forma de valorização interna que rompe com a lógica hegemônica da validação social baseada em padrões brancos, cisgêneros e heteronormativos. Ao receber um título, a pessoa passa a ocupar uma posição de prestígio e responsabilidade dentro da cena, sendo sempre apresentada com a respectiva honraria durante as *balls*. Além disso, espera-se que essa figura atue ativamente no fomento da cultura local. Em títulos de maior relevância, cuja abrangência extrapola os limites da casa, a participação também se estende a espaços restritos de deliberação e organização da cena *ballroom* em nível nacional e, por vezes, internacional.

Além dos títulos honoríficos, a cultura *ballroom* também se organiza a partir de classificações que atravessam identidade de gênero e expressão. Essas categorias ajudam a compreender os diferentes papéis e corpos presentes na cena, funcionando como afirmações identitárias e também como estratégias de

resistência. Entre essas classificações estão as *butch queens* (homens cis gays), *butch queens up in drag* (homens cis gays montados em drag)*, femme queens* (mulheres trans e travestis), *butches* (pessoas designadas do sexo feminino ao nascer que se apresentam de forma masculina, como pessoas transmasculinas, homens trans e lésbicas que não perfomam feminilidade), boyceta (termo brasileiro para se referir à pessoas transmasculinas), *women* (mulheres cis), e NB, que é a sigla para pessoas não binárias.

Essas classificações, junto das categorias performativas e dos títulos, não são apenas elementos organizacionais dentro da *ballroom*, mas ferramentas fundamentais de afirmação, resistência e construção de comunidade. Elas reafirmam a potência da existência dissidente e a importância de criar espaços onde corpos e vivências marginalizadas possam ser celebrados, reconhecidos e valorizados.

## 3. CATEGORY IS: MÉTODO

O desenvolvimento deste trabalho fundamenta-se na metodologia projetual proposta por Bruno Munari, que compreende o design como uma atividade racional, criativa e estruturada, voltada à resolução de problemas de comunicação visual, conforme abordado em suas obras *Design e Comunicação Visual* (2006) e *Das Coisas Nascem Coisas* (1981). O autor defende que o processo de criação em design deve ser construído a partir de uma sequência lógica, analítica e criativa de etapas, que são mais especificadas na figura 5 a seguir, mas que se inicia pela análise do problema, passa pela geração de ideias e experimentações, e resulta na entrega de uma solução que seja, estética, funcional e coerente com seu contexto.

Figura 5: Etapas Metodologia Bruno Munari

Fonte: Fillmann (2019)

De acordo com Munari (2008, p. 11), “o método de projeto, para o designer, não é absoluto nem definitivo; pode ser modificado caso ele encontre outros valores objetivos que melhorem o processo”. Seguindo essa premissa, o processo metodológico foi adaptado, tornando-se mais direto e alinhado às especificidades

deste projeto. As etapas definidas são: definição e componentes do problema, coleta e análise de dados, criatividade, materiais e tecnologias, desenvolvimento e experimentação, além de verificação e solução final.

A adoção desse método se justifica por seu caráter abrangente, que vai além da preocupação estética e considera também os aspectos sociais, culturais e funcionais do design. Essa abordagem é particularmente adequada a este projeto, que não se limita à criação de um produto editorial, mas propõe a construção de uma narrativa visual que represente e valorize as vivências, estéticas e expressões das pessoas trans que integram a cultura *ballroom* em Goiânia.

### 3.1. Metodologia e pesquisa de campo com a comunidade

O processo inicia-se pela definição clara do problema a ser investigado. Neste caso, está diretamente ligado à escassez de registros editoriais que documentem e celebrem as vivências, estéticas e expressões das pessoas trans que compõem a cena *ballroom* de Goiânia. Além disso, foi essencial mapear os diversos componentes desse problema, entendendo que ele não se limita à ausência de registros, mas abarca questões de representatividade, memória, pertencimento e resistência visual, cultural, social e política.

Em seguida, passa-se à fase de coleta e análise de dados, na qual, foram realizadas pesquisas bibliográficas, documentais, análise de materiais da própria comunidade (como flyers, cartazes, registros fotográficos e audiovisuais), além de uma pesquisa de campo centrada na imersão nos eventos da cultura.

A etapa de criatividade do fotolivro BUFU foi um processo de experimentação, alimentado pelas pesquisas bibliográficas, pela análise de similares e pela imersão direta na cena *ballroom* de Goiânia. O conteúdo fotográfico é composto integralmente pelos registros da *MiniBall* de Páscoa, que ocorreu em 12 de abril de 2025, organizada por *Prince* Astra Cyclone e Molzer Cyclone. As imagens capturam o protagonismo dos corpos trans, refletindo o propósito central do projeto: celebrar identidades dissidentes e construir um espaço visual de afirmação. A partir dessas fotografias, foram definidas as escolhas visuais que estruturam o fotolivro: o uso de mapas de gradiente, de texturas, efeito de recorte em estilo de colagem, o uso de fontes que dialogam com a expressividade e dissidência da cena, e o uso de sobreposições. O resultado é um fotolivro que vai além do registro documental, visando transmitir a estética da *ballroom* e também sendo um produto experimental.

As decisões referentes aos materiais e às tecnologias de produção foram pensadas para dialogar com a estética proposta, experimental e sensorial da cultura *ballroom*. Optou-se por uma encadernação manual, em que as páginas são costuradas e a capa revestida com tecido, remetendo simbolicamente a um corset, peça amplamente utilizada nas *balls*. O formato horizontal foi escolhido para favorecer a leitura visual das fotografias e permitir uma melhor valorização das composições. Já o miolo será impresso em papel couché de 150 g, que oferece brilho e definição adequados às imagens, reforçando o caráter visual e tátil do projeto.

No desenvolvimento e experimentação foram realizados estudos de layout, sequenciamento, tratamento de imagens e definição tipográfica, sempre em diálogo com a estética da cena. Buscou-se um equilíbrio que permitisse a leitura clara das fotografias, sem perder o impacto visual característico da cultura *ballroom*.

Na fase final, foi produzido um protótipo do fotolivro, que traduz fielmente a potência e diversidade da cultura representada.

### 3.2. Metodologia e construção editorial

O desenvolvimento da linguagem editorial do fotolivro fundamenta-se na metodologia apresentada por Jan V. White no livro *Edição e Design* (2022). O autor compreende o design editorial como um sistema de organização visual da informação, que vai além da estética e busca promover clareza, legibilidade, hierarquia e ritmo. Para ele, o design de publicações não se limita à beleza gráfica, mas envolve a criação de estruturas visuais capazes de conduzir o olhar, facilitar a compreensão do conteúdo e gerar uma experiência de leitura fluida e coerente. White apresenta princípios fundamentais, como o uso de grids, definição de hierarquias tipográficas, equilíbrio entre texto e imagem, controle do espaço em branco e gestão do ritmo visual, que garantem uma comunicação eficiente e consistente. Embora defenda a organização, o autor também valoriza a experimentação gráfica como recurso expressivo. Essa liberdade, no entanto, não é aplicada de forma aleatória, mas sim a serviço da narrativa visual e da intencionalidade do projeto. As experimentações incluem o uso de assimetrias, variações de escala, exploração dinâmica do espaço em branco, sobreposição de textos e imagens e intervenções cromáticas, gerando contraste, foco e atmosferas específicas que enriquecem a experiência de leitura.

No contexto deste projeto, marcado pelas características da cultura *ballroom*, a aplicação da metodologia de White se dá por meio de uma grid flexível, que suporta tanto composições tradicionais quanto experimentais. Essa flexibilidade permite alternar páginas densas e abertas, criando ritmo, surpresas visuais e pausas estratégicas.

A hierarquia visual orienta o percurso entre imagens, textos, espaços de respiro e momentos de impacto, com o uso de palavras-chave, gírias e símbolos da cena como reforço narrativo. A tipografia, escolhida para conciliar legibilidade e expressividade, privilegia fontes de forte presença gráfica, que refletem o espírito performático da cultura.

A paleta de cores assume papel simbólico e afetivo, utilizando os tons da bandeira trans, que são azul, branco e rosa, aplicados em fundos, mapas de gradientes e detalhes gráficos para reafirmar a identidade estética e política da narrativa.

Quanto à materialidade, como já mencionado, o projeto explora o uso de textura, com a capa de tecido, e uma encadernação diferenciada, tornando o fotolivro uma extensão física da energia e da representatividade da cultura *ballroom*.

# 4. READ THE ROOM: FOTOLIVROS E ANÁLISE DE SIMILARES

## 4.1. Fotolivro: definições, narrativa visual e potencial expressivo

No campo editorial, existem diversas publicações que têm a fotografia como elemento central, como fotolivros, álbuns fotográficos, livros de artista, catálogos e revistas especializadas. Embora compartilhem algumas semelhanças formais, cada um desses formatos possui objetivos, processos e relações distintas com o leitor.

O fotolivro se destaca por ser uma obra autoral e narrativa, em que a fotografia não atua apenas como registro ou ilustração, mas constrói um discurso visual em diálogo com o design, o texto e a materialidade. Como observa Badger (2015, p. 134), trata-se de “um tipo particular de livro fotográfico, em que as imagens predominam sobre o texto e em que o trabalho conjunto do fotógrafo, do editor e do designer gráfico contribui para a construção de uma narrativa visual”. Além disso, deve possuir um tema específico e ser pensado desde a concepção como livro, não como simples suporte. Nesse formato, as imagens ganham sentido no conjunto, organizadas em sequência que cria ritmo, pausas, tensões e conexões simbólicas, de forma que o todo seja maior do que a soma de suas partes. A escolha de papéis, acabamentos e encadernações também participa da narrativa, contribuindo para a experiência sensorial e para o significado do projeto.

Diferentemente dos fotolivros, os álbuns fotográficos costumam ter caráter mais documental ou comemorativo, reunindo registros de momentos familiares, viagens ou eventos de maneira linear. Nesses casos, a diagramação geralmente é funcional, com menos experimentação gráfica, priorizando o aspecto de memória privada ou registro cronológico. Apesar de hoje existirem produtos comerciais chamados de “fotolivros” para álbuns personalizados, estes mantêm uma lógica distinta: não são projetos autorais, mas compilações destinadas principalmente ao círculo familiar.

Os livros de artista, por sua vez, rompem com a estrutura editorial tradicional, explorando o próprio objeto livro como linguagem. São obras que podem incluir colagens, materiais não convencionais, cortes, dobraduras ou encadernações experimentais, muitas vezes produzidas em tiragens reduzidas ou únicas. Nesse formato, a materialidade não apenas veicula conteúdo, mas se torna parte essencial da expressão artística.

Há também os catálogos fotográficos, que geralmente têm caráter expositivo ou documental, acompanhando exposições ou retrospectivas de artistas. São organizados de forma mais neutra, priorizando a reprodução fiel das imagens exibidas e incluindo textos críticos, cronologias e informações técnicas. Da mesma forma, revistas fotográficas funcionam como publicações periódicas que reúnem ensaios diversos, geralmente conectados por um tema, mas sem a coerência narrativa de um fotolivro.

Autores como Parr e Badger (2005), Horácio Fernández (2011) e Roth (2001) enfatizam que o fotolivro não deve ser confundido com essas outras publicações: ele nasce como obra autônoma, planejada desde o início para ser lida como um conjunto, em que imagens, texto e design formam uma narrativa visual coesa. É uma criação própria, em que cada elemento, desde a ordem das imagens até o tipo de papel e encadernação, tem papel narrativo e simbólico.

Neste projeto, a escolha pelo fotolivro está ligada justamente ao potencial desse formato para articular fotografia, design gráfico e materialidade como recursos narrativos, dando visibilidade a histórias e identidades dissidentes de forma afetiva e politicamente engajada. Ao contrário de um álbum ou catálogo, o fotolivro permite construir uma narrativa aberta e experimental, capaz de traduzir a potência simbólica, a estética vibrante e a resistência presentes na cultura ballroom de Goiânia.

### 4.2. Análise de similares: referências visuais e editoriais

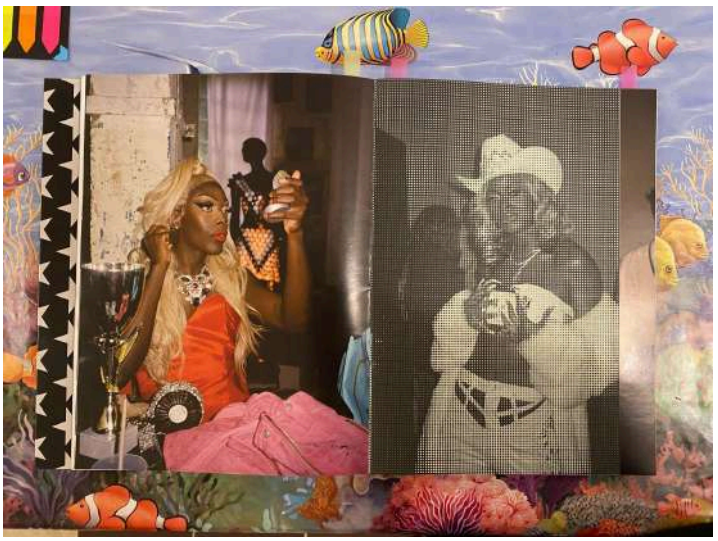
A concepção do projeto editorial fundamenta-se na análise de obras que dialogam diretamente com a proposta estética, conceitual e narrativa do fotolivro. O foco está na maneira como o design organiza texto, imagem e ritmo visual de modo sensível e politicamente engajado, contribuindo para a construção de uma linguagem gráfica que afirme identidades dissidentes.

Entre as principais referências, destaca-se a *Revista Balam*[3], em especial a edição nº 8, que trata do tema das “famílias escolhidas” (conceito profundamente relacionado às casas da *ballroom*, entendidas como redes de acolhimento e resistência fora da lógica familiar biológica, sendo como famílias pós-sanguíneas).

[3] Balam é uma revista independente de fotografia *queer* contemporânea com sede em Buenos Aires, é possível comprar e saber mais sobre a mesma através de seu site, disponível nas referências bibliográficas.

Esta edição se mostrou relevante tanto pelo conteúdo quanto pelas soluções gráficas: o uso de texturas (Figura 6) e sobreposições visuais (Figura 7) ressoa com a estética *ballroom*, onde camadas, ornamentos e interferências visuais são frequentes, sobretudo nos looks dos *performers.* Pretende-se aplicar texturas visuais e táteis ao produto final, como o uso de pixelização em fotografias que introduzirão cada capítulo, em diálogo com o efeito de *halftone* observado na revista.

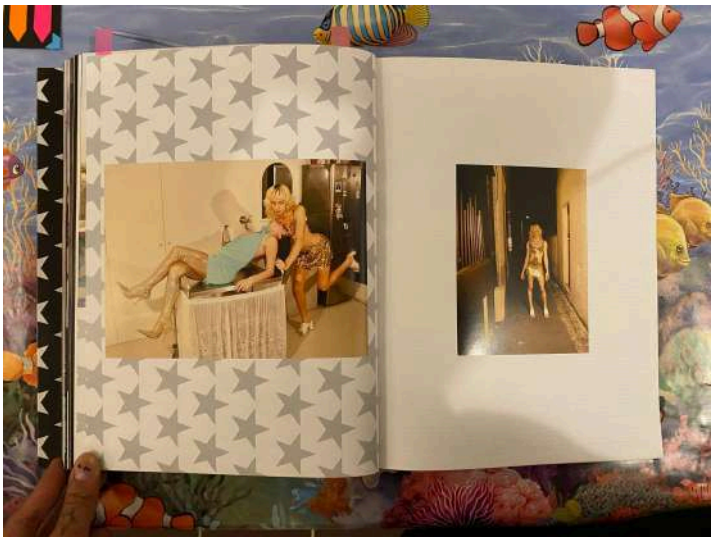
Figura 6: Revista Balam edição nº 8, textura



Fonte: BALAM. *Revista Balam*, edição nº 8, 2023.

Além disso, serão exploradas sobreposições entre texto, elementos e imagens, recurso que transmite uma ideia de movimento e a disputa de visibilidade que marcam as performances nas *balls* (onde corpos se intercalam na passarela, criando tensões visuais e dinâmicas de protagonismo). O objetivo é traduzir essa energia para a linguagem editorial, sem comprometer a leitura ou a clareza da mensagem.

Figura 7: Revista Balam edição nº 8, sobreposição



Fonte: BALAM. *Revista Balam*, edição nº 8, 2023.

Na escolha tipográfica, buscou-se inspiração em projetos como *Performance Realness* de Rafael Lima Caixeta[4] (Figura 8), que utiliza fontes expressivas e em caixa alta para criar ritmo e ambientação, incorporando termos e gírias próprios da cena como dispositivo de imersão.

Figura 8: Fotolivro Performance Realness, tipografia

Fonte: Caixeta (2024).

[4] Rafael Lima Caixeta é formado em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Goiás (UFG), e criou o *Performance Realness* para seu projeto de conclusão de curso.

Outro referencial importante foi o fotolivro *Lacração,* de Bella Tozini[5], cuja abordagem valoriza imagens vibrantes, efeitos de degradê e tratamento sutil das cores (Figuras 9 e 10). A estratégia de uso da cor, com gradientes baseados na bandeira trans, além das texturas, será incorporada ao projeto BUFU, especialmente nas fotos que iniciam capítulos.

Figura 9: Fotolivro Lacração

Fonte: Tozini (2018)

Figura 10: Fotolivro Lacração 2

Fonte: Tozini (2018)

[5] Bella Tozini é artista e pesquisadora do campo das artes visuais com ênfase na relação entre fotografia, cinema, gênero, corpo e sexualidade. Seu fotolivro *Lacração* pode ser adquirido através do site da editora Lovely House.

Com base nessas referências, foi feita uma análise, levando em consideração a composição e grid, maneira que trabalha com cores, ritmo visual, materiais e acabamento, integração texto-imagem e inovação formal.

A análise comparativa dos três projetos editoriais, *Revista Balam nº 8*, *Performance Realness* e *Lacração* (de Bela Tonzini), mostra diferentes estratégias editoriais que equilibram experimentação, clareza e construção narrativa.

A *Revista Balam* apresenta um layout dinâmico e flexível, baseado em um grid invisível, alternando páginas densas e vazias para criar ritmo e surpresa. Essa liberdade de composição, junto a sobreposição de texto e imagem, constrói uma narrativa visual mais aberta e experimental, com forte presença de camadas e texturas. Maioria do fundo das páginas são da cor branca, mas em alguns momentos, como no início de um novo tópico, utiliza cores variadas, havendo partes policromáticas e monocromáticas, também trabalhando com o uso de mapas de gradientes em algumas imagens, junto com a utilização de texturas.

No *Performance Realness*, o layout é mais funcional e linear, organizado por um grid central que valoriza uma leitura fluida. O design dá destaque a termos e expressões da cultura *ballroom*, mantendo uma narrativa visual direta, com menos quebras e maior previsibilidade, não trabalha com várias cores, tendo os fundos predominantementes da cor branca ou preta, de uma maneira que as cores das fotografias ficam mais destacadas.

Já *Lacração* aposta num equilíbrio entre tradição e impacto visual: utiliza um grid tradicional de duas colunas, porém explora variações cromáticas intensas, com mapas de degradês e divisórias translúcidas que trazem movimento. O ritmo é controlado, mas há páginas com muitos textos soltos, criando um contraste entre a quantidade de informações nessas páginas e o restante do fotolivro.

No conjunto, vemos que os três projetos exploram diferentes níveis de experimentação formal: alguns priorizam fluidez e clareza narrativa, outros apostam em texturas, sobreposições e cores vibrantes para expressar identidade cultural. A presença ou ausência de espaço em branco também revela escolhas projetuais distintas: *Revista Balam* tem páginas mais densas, *Lacração* alterna com generosidade de espaço, enquanto *Performance Realness* mantém margens regulares como recurso de contenção.

A partir dessa análise, foram definidas escolhas editoriais que equilibram a experimentação visual com clareza narrativa. Assim como observado na *Revista*

*Balam*, foi escolhido trabalhar com uma grid flexível, que permite alternância entre páginas densas e outras mais abertas, criando ritmo, surpresas visuais e pausas estratégicas. Já a respeito da hierarquia visual, foi escolhido trabalhar de uma maneira que coloque as fotografias em foco, ocorrendo uma variação de escala, com algumas fotos ocupando páginas inteiras para transmitir impacto, enquanto outras aparecem menores, agrupadas ou em sequências, criando um ritmo narrativo, para reforçar momentos de intensidade e de respiro. Para marcar a divisão entre os capítulos do fotolivro, foram aplicados mapas de gradiente sobre as fotografias, utilizando as cores da bandeira trans. Esses gradientes funcionam como elementos de transição visual, reforçando a hierarquia e dando unidade ao projeto. Já as demais imagens permanecerão em cores, com um tratamento mais sutil e básico, de modo a preservar a naturalidade e a força expressiva de cada registro. A integração entre texto e imagem, por sua vez, busca um meio-termo: não tão rígida quanto *Lacração*, mas também evitando sobreposições excessivas, garantindo que a leitura visual aconteça de forma fluida, conversando com o tema do projeto. Já na paleta de cores, opta-se por um caminho que combina fundos predominantemente neutros, valorizando a fotografia, com inserções pontuais de cores intensas, criando impacto e valorizando a narrativa visual, novamente utilizando as cores da bandeira trans.

# 5. STRIKE A POSE: PROCESSO FOTOGRÁFICO E LINGUAGEM VISUAL

## 5.1. Concepção fotográfica

A concepção fotográfica do fotolivro BUFU está enraizada em uma vivência imersiva dentro da cena *ballroom* de Goiânia, frequentada pelo autor desde 2023 e registrada fotograficamente por ele a partir de 2025, com o propósito de construção deste projeto editorial. A primeira aproximação fotográfica com a cena ocorreu por meio do projeto *Vivências Ballroom*, iniciativa viabilizada a partir de um edital do Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás (CCUFG) que disponibilizou suas salas de dança e teatro para atividades artísticas. A partir desse edital, a *Mother* Maldita de Arapô propôs a realização de aulas gratuitas de *vogue* abertas ao público, que ocorreram entre março e julho de 2025. Nesse contexto, os primeiros experimentos fotográficos foram realizados durante um treino conduzido pelo *Prince* Astra Cyclone, configurando-se como um exercício preparatório para a documentação da *MiniBall* de Páscoa, organizada por *Prince* Astra Cyclone e Molzer Félix Cyclone, que ocorreu em 12 de abril de 2025. Esse evento foi escolhido como base para o fotolivro, de modo que todas as fotografias presentes na obra são provenientes dessa *ball*, as fotografias tiradas durante os treinos não foram selecionadas para o projeto final pois não expressa todo o *glamour* presente nas *balls*, visto que não há a mesma produção no cenário, nas maquiagens e nos *looks,* ficando meio destoante esteticamente das *balls* em si .

O registro desse evento não se limitou às performances na passarela, mas buscou abordar a pluralidade de elementos que compõem a experiência de uma *ball*. Foram produzidas fotografias individuais dos participantes em seus *looks*, captadas fora do meio competitivo, além de registros da decoração, da movimentação do público e de pequenos detalhes que constroem a atmosfera do evento. Essa abordagem ampliada teve como intenção ressaltar não apenas a energia performática, mas também a riqueza estética e simbólica presente nos corpos, nos gestos e nos cenários.

A ênfase recaiu sobre momentos espontâneos e expressivos, privilegiando a captura de fragmentos que revelam a beleza, a intensidade e a afetividade que atravessam a *ballroom*. Mais do que ilustrar um evento, a fotografia foi compreendida como meio de evidenciar a vitalidade da cena, traduzindo visualmente sua potência coletiva e a força política de sua estética.

## 5.2. Pós-produção e tratamento das fotografias

O processo de pós-produção e tratamento das fotografias do fotolivro BUFU foi realizado no software Adobe Photoshop, após a captação das imagens utilizando a câmera Nikon D3100, seguindo um padrão estético definido para garantir unidade visual entre todas as imagens. A intenção principal dessa etapa foi realçar a expressividade e a presença dos corpos retratados, sem descaracterizar a atmosfera natural dos registros realizados durante a *MiniBall* de Páscoa.

O tratamento teve início com a aplicação de um efeito de recorte em estilo colagem, no qual a pessoa em destaque na fotografia é sutilmente destacada do fundo por meio de uma borda discreta. Essa intervenção visual funciona como um gesto simbólico de valorização: evidencia corpos trans e dissidentes que, fora desse contexto, muitas vezes são invisibilizados pela sociedade. O resultado desse procedimento pode ser observado na Figura 11 a seguir.

Figura 11: Efeito recorte de colagem

Fonte: do autor

Após essa etapa, procedeu-se ao ajuste tonal das imagens, atuando sobre brilho, contraste, curvas, matiz e saturação. O objetivo foi intensificar as cores originais sem comprometer a autenticidade dos registros, mantendo a iluminação e o ambiente fiéis à vivência da *ball*. Em seguida, aplicou-se uma camada de textura com o modo de mesclagem “luz indireta”, criando uma superfície visual sutilmente granulada que reforça o caráter tátil e experimental da fotografia. Essa textura,

inspirada no efeito *halftone* observado na *Revista Balam nº 8*, estabelece um elo visual entre o design gráfico e a estética da *ballroom*, conferindo dinamismo às imagens.

O resultado final, mostrado na Figura 12, traduz a intenção do projeto: celebrar a potência estética dos corpos trans, preservando sua naturalidade e energia enquanto reforça o caráter autoral e experimental da proposta editorial.

Figura 12: Resultado final pós-produção

Fonte: do autor

Nas imagens que marcam a abertura de cada capítulo, foi aplicado um mapa de gradiente nas cores da bandeira trans, azul e rosa, funcionando como um marcador visual que sinaliza a transição entre os capítulos do livro. Além de reforçar o simbolismo identitário e político do projeto, esse recurso também estabelece um ritmo cromático e emocional entre as diferentes etapas da narrativa (pré-*ball*, durante a *ball* e pós-*ball*).

Figura 13: Resultado final pós-produção com mapa de gradiente

Fonte: do autor

### 5.3. Narrativa visual e representações trans na fotografia

A estrutura narrativa do fotolivro BUFU foi concebida em três capítulos, acompanhando o percurso de uma *ball* e buscando transmitir sua atmosfera vibrante e sua potência estética. O primeiro capítulo se chama *Get Ready*, e é dedicado à pré-*ball*, reúne 12 fotografias que registram a ambientação do espaço, como a decoração e a preparação do DJ, além de retratos de *looks* que antecipam a expressividade e a originalidade que marcam a cena *ballroom*. O segundo capítulo, *Strike a Pose*, retrata a *ball* em si, e concentra-se no eixo central do fotolivro, composto por 20 imagens. Nele, estão reunidos registros do *rollcall* e de algumas categorias, compondo um recorte visual que evidencia tanto a diversidade dos participantes quanto a intensidade performática da passarela. Por fim, o terceiro capítulo, *After the Glow*, dedicado ao pós-*ball*, apresenta 11 fotografias que capturam momentos de descontração e convivência após as batalhas, em um clima festivo potencializado pelo set do DJ Guzco Kiddo, que prolonga a energia da celebração.

O recorte curatorial das 43 imagens (de 565 produzidas originalmente) priorizou a centralidade de corpos trans, reafirmando o objetivo político e representativo do projeto. Foram selecionadas exclusivamente fotografias em que pessoas trans estão presentes, reforçando a escolha de valorizar a visibilidade dessas identidades. As únicas exceções correspondem aos registros dos intérpretes de Libras, Gustavo Henrique Mendes e Ellen Itacaramby, cuja inclusão foi

considerada significativa por simbolizar uma dimensão de diversidade e acessibilidade que vem se consolidando na cena local. Embora nem todas as *balls* contem ainda com intérpretes, sua presença representa um avanço importante na democratização do acesso cultural para pessoas com deficiência auditiva. Ao integrar esses profissionais à narrativa, o fotolivro não apenas reconhece seu papel fundamental no evento, como também amplia o sentido de representatividade e pluralidade que atravessa a cultura *ballroom*.

Assim, a narrativa visual proposta pelo fotolivro articula a progressão de uma *ball* enquanto celebra corpos e identidades dissidentes, operando simultaneamente como registro documental, como gesto político e como experiência estética.

# 6. BRING IT TO THE PAGE: DESENVOLVIMENTO DO PROJETO EDITORIAL

O desenvolvimento do projeto editorial BUFU baseou-se em um processo metodológico que articula pesquisa, experimentação e intencionalidade visual. Inspirado nos princípios de Bruno Munari e Jan V. White, o processo foi guiado pela busca de um equilíbrio entre clareza e liberdade criativa, combinando planejamento estruturado e abertura à experimentação gráfica. O objetivo foi criar um fotolivro que refletisse não apenas a estética da cultura *ballroom* de Goiânia, mas também sua essência.

## 6.1. Da ideia ao estilo: construção do conceito visual e identidade editorial

A identidade editorial do *BUFU* nasce do entendimento de que o design é um meio de traduzir visualmente o espírito da cultura retratada. O conceito visual se desenvolveu a partir da estética exuberante e não normativa da *ballroom*, marcada por contrastes, brilhos, improvisos e expressividade corporal, o que serviu como base para as decisões formais do fotolivro, da escolha das cores utilizadas à definição de materiais, tipografia e ritmo visual.

A construção do conceito visual foi definido a partir das referências estudadas, como *Revista Balam nº8*, *Performance Realness* e *Lacração*, e seguindo as metodologias de Bruno Munari e de Jan V. White. Com base nessa pesquisa, buscou-se um meio termo entre clareza visual e liberdade criativa, assim, o projeto equilibra rigor e liberdade: organiza a leitura visual de forma estruturada, mas permite rupturas e assimetrias que evocam o caráter performático da cena.

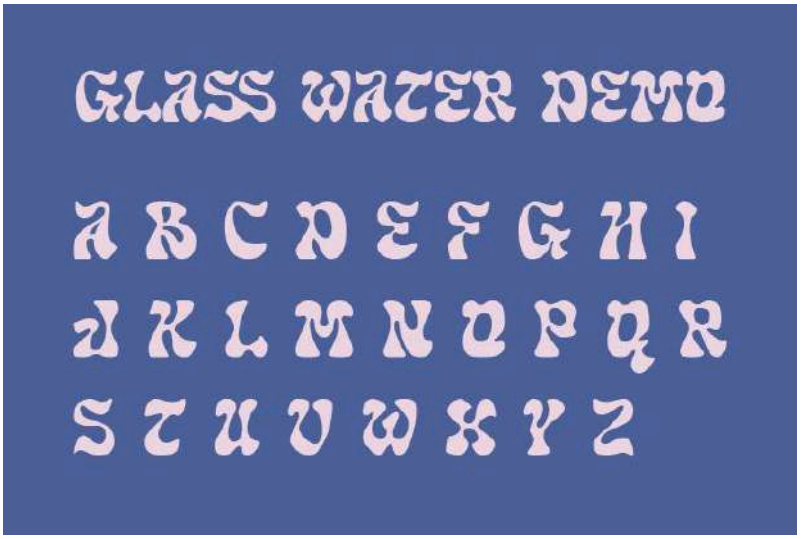
## 6.2. Decisões gráficas

### 6.2.1. Tipografia

A escolha tipográfica do BUFU foi guiada pela intenção de traduzir visualmente a expressividade e a ruptura de normas que caracterizam a cultura *ballroom*. Buscou-se um diálogo entre fontes que representassem, ao mesmo tempo, a liberdade estética e a estrutura necessária para garantir legibilidade e ritmo na leitura. A fonte principal, *Glass Water Demo* (Figura 14), foi utilizada nos títulos e

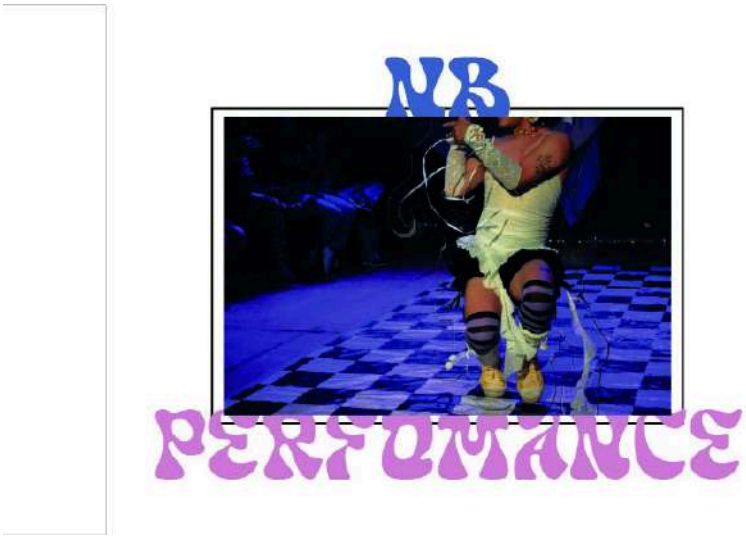
em alguns elementos gráficos (Figura 15). Sua forma fluida, curvilínea e extravagante transmite movimento e brilho, evocando o caráter performático e dinâmico da passarela *ballroom*. Essa tipografia incorpora a teatralidade e a energia da cena, funcionando como uma extensão visual de sua expressividade.

Figura 14: Fonte Principal




Fonte: do autor

Figura 15: Fonte Principal Aplicada




Fonte: do autor

Como contraponto, a fonte secundária *Bricolage Grotesque* (Figura 16) foi escolhida para os textos corridos, equilibrando legibilidade e personalidade. Embora mais estável e limpa, ela mantém certa originalidade formal, dialogando com a diversidade e autenticidade presentes na cultura retratada.

Figura 16: Fonte Secundária

Fonte: do autor

O contraste entre as duas fontes reflete o diálogo entre ordem e subversão que define tanto o design editorial contemporâneo quanto a própria cultura *ballroom*. Essa dualidade reforça a intenção de fazer do fotolivro um espaço onde a forma e o conteúdo coexistem em equilíbrio expressivo.

### 6.2.2. Grid e layout

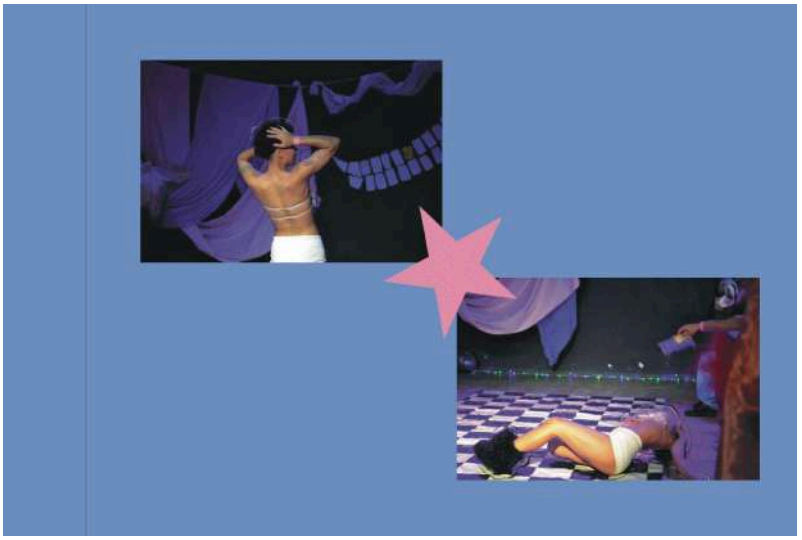
O grid do BUFU foi concebido a partir dos princípios de Jan V. White, priorizando a funcionalidade e o ritmo. A estrutura é flexível, permitindo tanto composições centradas e simétricas quanto disposições livres e experimentais. Esse sistema garante coesão visual sem limitar a criatividade.

Foram alternadas páginas densas, com fotografias de página inteira, e páginas mais abertas, que oferecem respiro visual (ver Figura 17 e Figura 18). Essa variação cria ritmo e narrativa, reproduzindo visualmente a alternância entre intensidade e pausa vivida nas *balls*.

Figura 17: Fotografia de página inteira

Fonte: do autor

Figura 18: Fotografia de página mais aberta



Fonte: do autor

A utilização de alinhamentos não convencionais, margens variáveis e áreas de branco estratégico contribui para o fluxo visual, orientando o olhar do leitor sem impor rigidez.

A exploração de sobreposições e alinhamentos não convencionais reforça o caráter experimental do projeto, em que o grid é um ponto de partida, não uma regra fixa.

### 6.2.3. Hierarquia visual, composição e paleta de cores

As composições visuais do fotolivro BUFU foram desenvolvidas com o propósito de direcionar o olhar do leitor para as fotografias, que são o núcleo expressivo da obra. Cada escolha gráfica, desde a tipografia e o posicionamento dos textos até o controle de margens, espaçamentos e contrastes, foi cuidadosamente planejada para potencializar a imagem, e não competir com ela. O design atua, portanto, como mediador silencioso, conduzindo a leitura visual de forma fluida, sem distrações desnecessárias, permitindo que cada página respire e mantenha seu próprio ritmo narrativo.

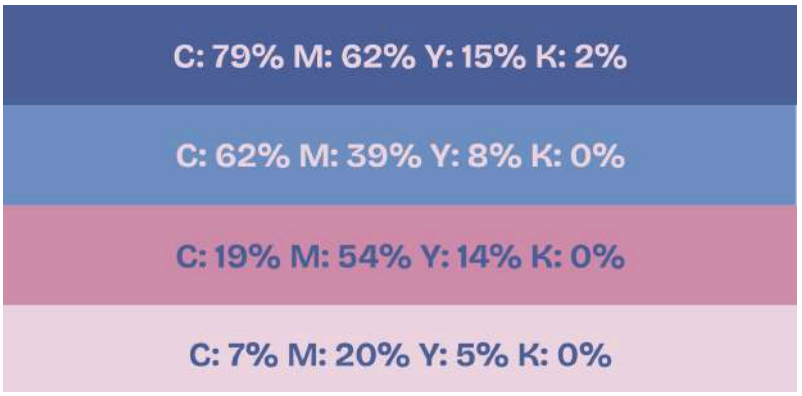
A hierarquia visual é trabalhada para criar um percurso intencional, em que a escala e a disposição das imagens guiam o observador por diferentes intensidades e pausas. Páginas mais densas alternam-se com outras mais abertas, gerando uma cadência visual que dialoga com o movimento das performances, em alguns momentos intenso e vibrante, e em outros delicado e contemplativo. Essa alternância cria um ritmo de leitura que não apenas informa, mas emociona, transformando o ato de folhear o livro em uma experiência sensorial.

Inspirada nos princípios da Gestalt, a unidade visual do projeto se constrói pela coerência entre texto, forma e imagem. Cada elemento é pensado como parte de um sistema visual interdependente, onde nada é supérfluo: as cores, os contrastes e o espaço em branco colaboram para criar equilíbrio e continuidade. Essa harmonia não significa rigidez, mas coesão — um alinhamento estético e conceitual que faz com que cada página, embora singular, dialogue com o todo.

Dessa maneira, o fotolivro não se apresenta como uma mera coleção de imagens, mas como um corpo narrativo integrado, onde o design atua em sintonia com o conteúdo para reforçar a mensagem central: a valorização e a visibilidade de corpos trans dentro da cultura *ballroom*.

A paleta de cores combina tons de azul e rosa (especificados na figura 14 a seguir), cores da bandeira trans, como forma de traduzir graficamente a identidade política do projeto.

Figura 19: Paleta de cores




Fonte: do autor

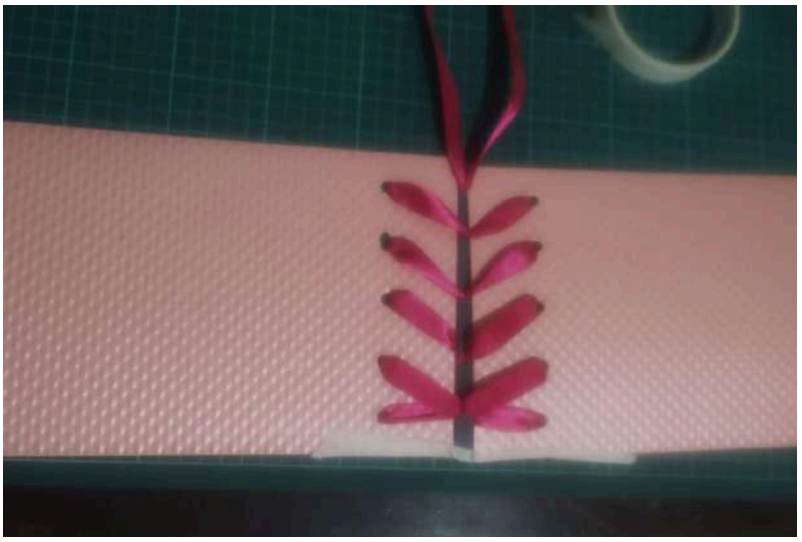
### 6.3. Materialidade do projeto: papel, impressão, encadernação e acabamentos

A materialidade do BUFU foi pensada como extensão física da estética ballroom. O formato horizontal (25 x 16 cm) foi escolhido por favorecer a leitura das fotografias e ampliar a sensação de imersão. O miolo é impresso em papel couché 170 g, que proporciona brilho e nitidez, valorizando o contraste e a saturação das imagens.

A encadernação é manual e costurada, e foi realizada por Eduardo Gomes, com capa revestida em tecido, remetendo a um corset, peça muito utilizada nas *balls* e símbolo de estrutura e auto expressão. O acabamento têxtil reforça o caráter artesanal e afetivo do projeto, enquanto o toque do material convida o leitor a uma experiência sensorial.

Optou-se por uma tiragem reduzida, em caráter de protótipo experimental, visando preservar a singularidade do objeto e destacar o fotolivro como peça artística e editorial.

Figura 20: Processo encadernação



Fonte: Eduardo Gomes

Figura 21: Processo encadernação 2

Fonte: Eduardo Gomes

Figura 22: Resultado Final Encadernação

Fonte: do autor

Figura 23: Resultado Final Encadernação 2

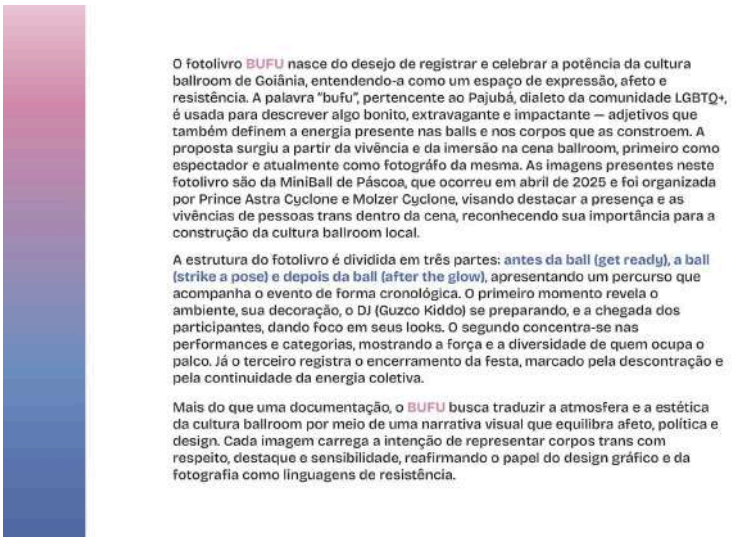
Fonte: do autor

## 6.4. Resultado Final Digital

Figura 24: Folha de guarda de entrada

Figura 25: Ficha Técnica

Figura 26: Introdução



O fotolivro BUFU nasce do desejo de registrar e celebrar a potência da cultura ballroom de Goiânia, entendendo-a como um espaço de expressão, afeto e resistência. A palavra "bufu", pertencente ao Pajubá, dialeto da comunidade LGBTQ+, é usada para descrever algo bonito, extravagante e impactante — adjetivos que também definem a energia presente nas balls e nos corpos que as constroem. A proposta surgiu a partir da vivência e da imersão na cena ballroom, primeiro como espectador e atualmente como fotográfo da mesma. As imagens presentes neste fotolivro são da MiniBall de Páscoa, que ocorreu em abril de 2025 e foi organizada por Prince Astra Cyclone e Molzer Cyclone, visando destacar a presença e as vivências de pessoas trans dentro da cena, reconhecendo sua importância para a construção da cultura ballroom local.

A estrutura do fotolivro é dividida em três partes: **antes da ball (get ready), a ball (strike a pose) e depois da ball (after the glow)**, apresentando um percurso que acompanha o evento de forma cronológica. O primeiro momento revela o ambiente, sua decoração, o DJ (Guzco Kiddo) se preparando, e a chegada dos participantes, dando foco em seus looks. O segundo concentra-se nas performances e categorias, mostrando a força e a diversidade de quem ocupa o palco. Já o terceiro registra o encerramento da festa, marcado pela descontração e pela continuidade da energia coletiva.

Mais do que uma documentação, o BUFU busca traduzir a atmosfera e a estética da cultura ballroom por meio de uma narrativa visual que equilibra afeto, política e design. Cada imagem carrega a intenção de representar corpos trans com respeito, destaque e sensibilidade, reafirmando o papel do design gráfico e da fotografia como linguagens de resistência.

Figura 27: Capa primeiro capítulo

Figura 28: Página 1

Figura 29: Página 2

Figura 30: Página 3

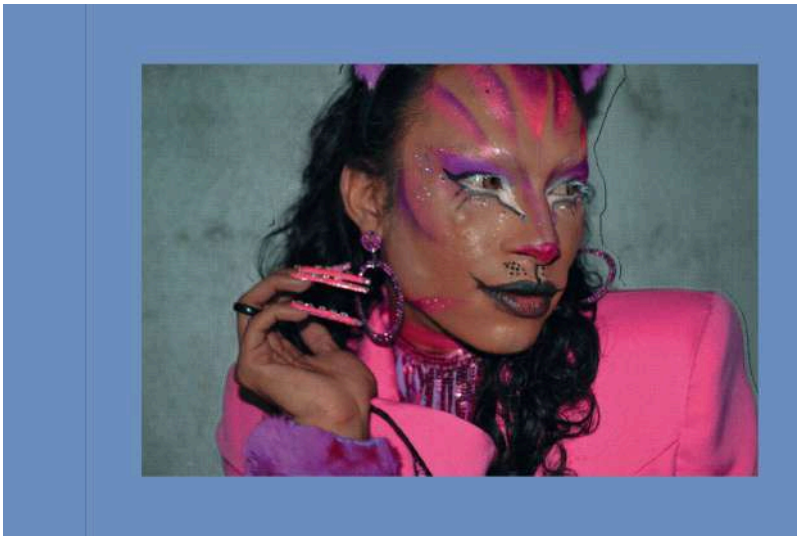


Figura 31: Página 4

Figura 32: Página 5

Figura 33: Página 6

Figura 34: Página 7

Figura 35: Página 8

Figura 36: Página 9

Figura 37: Página 10

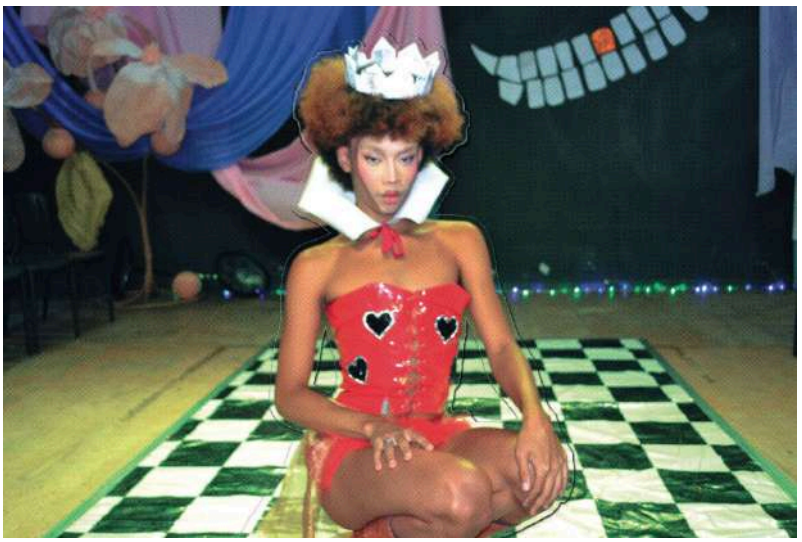


Figura 38: Página 11

Figura 39: Segundo Capítulo

Figura 40: Página 12

Figura 41: Página 13

Figura 42: Página 14

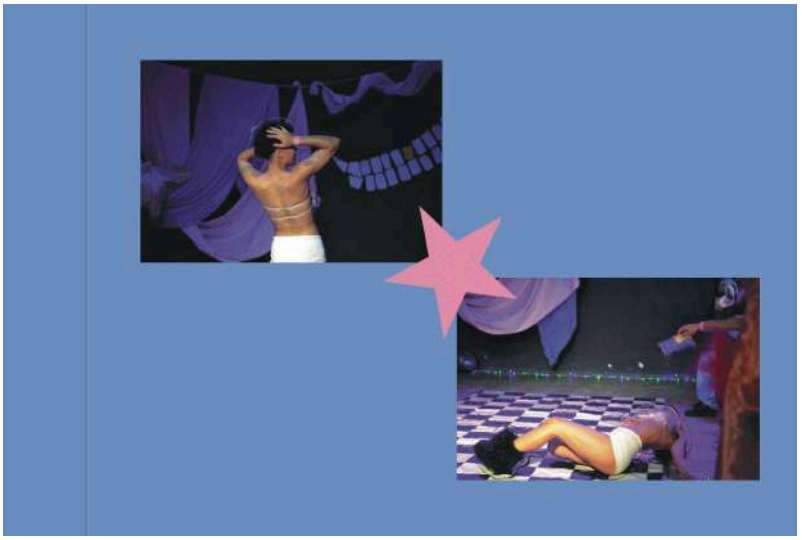


Figura 43: Página 15

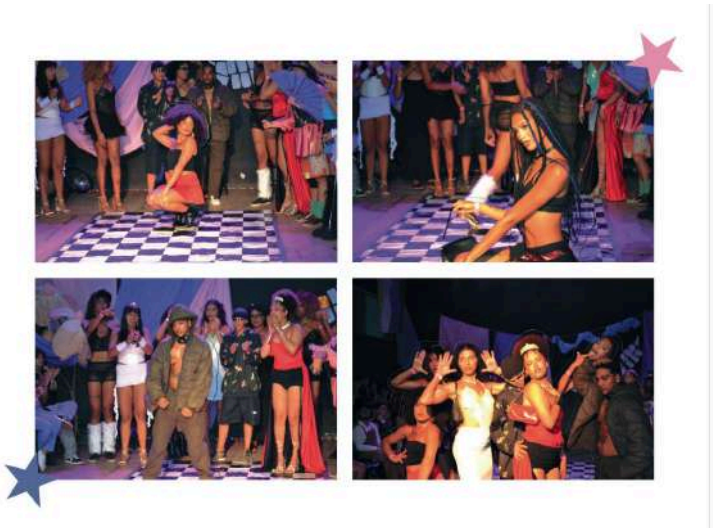


Figura 44: Página 16

Figura 45: Página 17

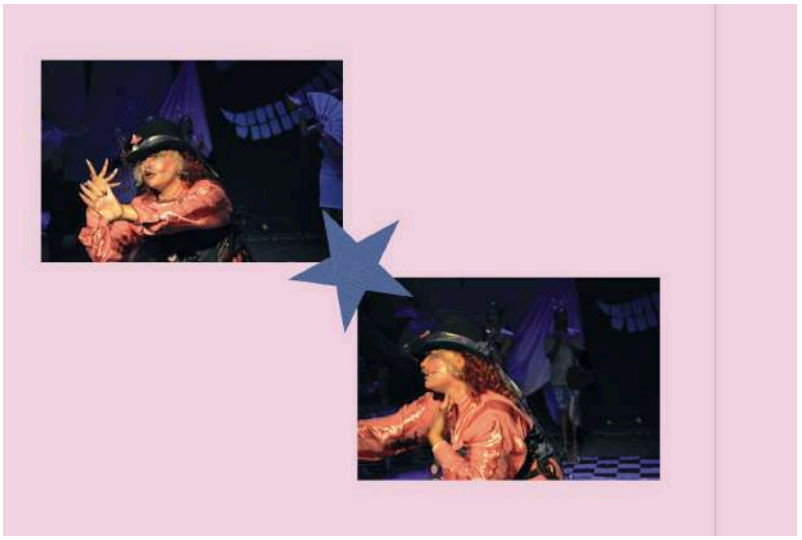


Figura 46: Página 18

Figura 47: Página 19

Figura 48: Página 20

Figura 49: Página 21

Figura 50: Página 22

Figura 51: Página 23

Figura 52: Página 24

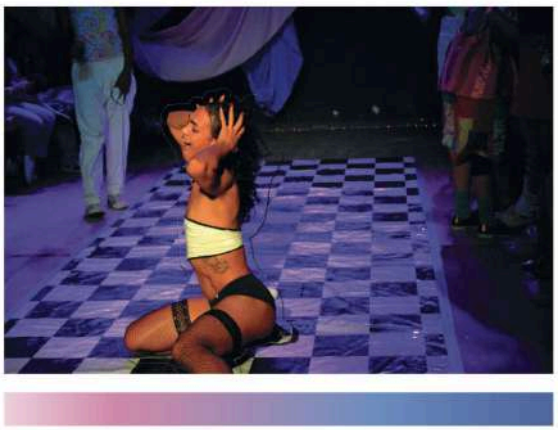


Figura 53: Terceiro Capítulo

Figura 54: Página 25

Figura 55: Página 26

Figura 56: Página 27

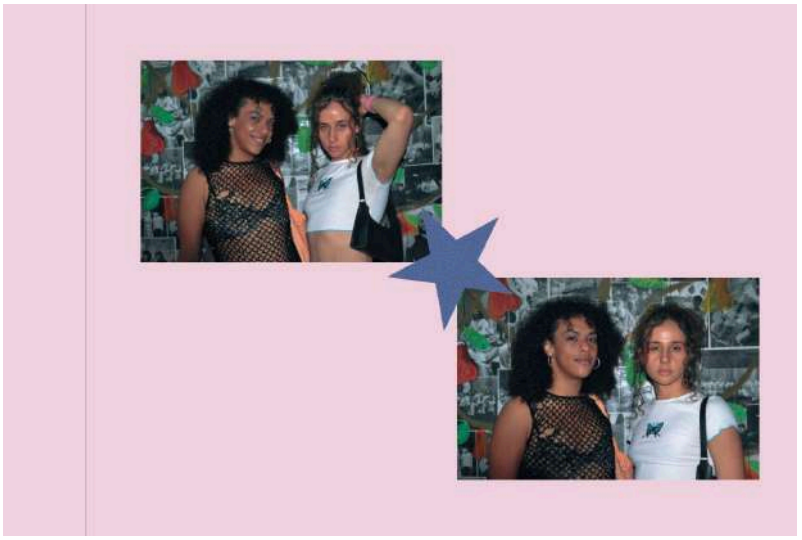


Figura 57: Página 28

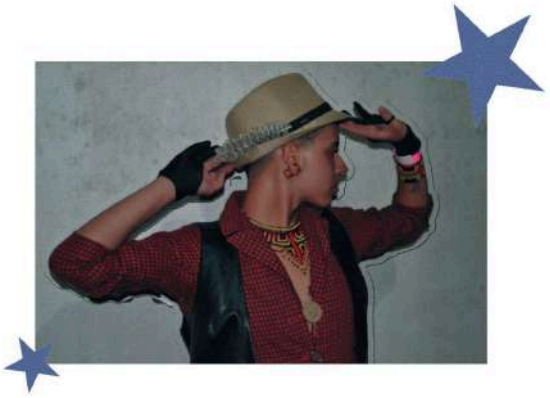


Figura 58: Página 28

Figura 59: Página 29

Figura 60: Página 30

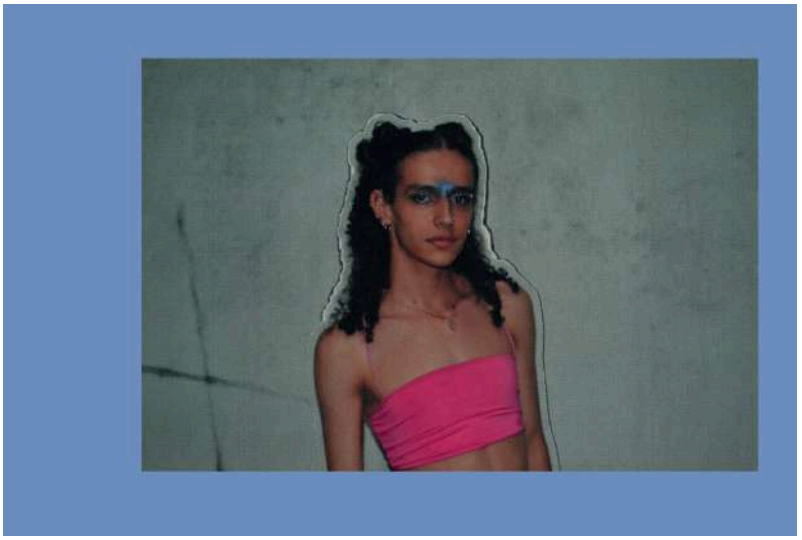


Figura 61: Página 31

Figura 62: Página 32

Figura 63: Créditos

**Pessoas fotografadas (em ordem de aparição):**
Guzco Kiddo (DJ), Sodré Originária 007, Prince Astra Cyclone, Vicktoria Jenner 007, intérpretes de libras: Ellen Itacaramby, Gustavo Henrique e Samanta, Mother Andreza Maldita de Arapô, Prince Pitbull Maldito de Arapô, Miss KChloe 007, Peridot Cyclone, Theo PinkLady, Karliiz Legbara 007, Princess Cauane Blasfemica de Arapô, Cabriella 007, Matteo 007, Mother Acácia Bendita de Arapô, Mother Adan Braids (chanter), Mother Alessanda Mamba Negra, Félix Perini, Caye Reis, Lua, Tayguara Jabutt, Torres, Dome, Ramon 007.

Figura 64: Folha de guarda de saída

## 7. YOU OWN EVERYTHING: CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fotolivro BUFU concretiza uma trajetória que une pesquisa, criação e resistência. O projeto se propõe a expandir o papel do design gráfico para além da função estética, utilizando-o como ferramenta de visibilidade e afirmação para corpos e identidades historicamente marginalizadas.

Através da fotografia, da materialidade e do design editorial, o BUFU se constrói como um gesto político e poético: registra, celebra e devolve à cena *ballroom* o reconhecimento visual que ela merece. Ao unir rigor metodológico e liberdade criativa, o projeto reafirma que o design é, antes de tudo, um ato de comunicação afetiva e social.

Desse modo, o BUFU transcende a ideia de ser apenas um fotolivro sobre a *ballroom* de Goiânia, ele se estabelece como um manifesto visual de orgulho e pertencimento. É uma obra que traduz a potência e a expressividade de pessoas trans e dissidentes, transformando o ato de projetar em um gesto de celebração, memória e resistência.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


BADGER, Gerry. Por que fotolivros são importantes**.** *Revista ZUM*, n. 8, abril de 2015. Disponível em: https://revistazum.com.br/revista-zum-8/fotolivros/. Acesso em: 25 jun. 2025

BAILEY, Marlon M. *Butch queens up in pumps: Gender, performance, and ballroom culture in Detroit.* Illustrated. University of Michigan Press, 29 ago. 2013.

BALAM. *Revista Balam*, edição nº 8, 2023. Disponível em: https://revistabalam.com/product/n8-c2/. Acesso em: 3 jun. 2025

CAIXETA, Rafael Lima. *Performance Realness.* 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda – Faculdade de Informação e Comunicação), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

COB TV. *Categorias Birthday Ball Virgil Abloh.* Instagram, 29 mar. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DHy_XcvRbBn/. Acesso em: 27 maio 2025.

CORRÊA, Ademir Silveira. *Cinema Queerité:* gêneros e identidades no documentário Paris is Burning. São Paulo: Paco Editorial, 2021.

FILLMANN, Maria Carolina. *Inovação no processo de projeto do design de livro impresso:* insumos pelo design estratégico. [Imagem] 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Metodologia-de-Bruno-Munari_fig2_265421492. Acesso em: 27 maio 2025.

GERALDS; ESTEVAN. *Vogue, logo, existo:* a comunicação política-corporificada da Ballroom. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, Universidade de São Paulo (USP), 2021. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/186046. Acesso em: 27 abr. 2025.

KAWA 007. *Get your tens:* Glossário Ballroom Disponível em: https://www.figma.com/proto/BqtOfUdxhENK6AcreqBhjC/Prototyping-in-Figma?node-id=105-399&scaling=scale-down&page-id=0%3A1&starting-point-node-id=105%3A399&show-proto-sidebar=1. Acesso em: 27 maio 2025.

MUNARI, Bruno. *Design e comunicação visual:* contribuições para uma metodologia didática. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas.* 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PAES, Georgia Sandrini; GONÇALVES, Carolaine Ribeiro; SANTOS, Adriane Shibata; PFEIFFER, Karla. *O design gráfico como ferramenta de mobilização social pela igualdade de gênero e empoderamento feminino.* Anais do XV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design – P&D Design Manaus, Manaus, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/cadernoppgd/article/view/17083?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 29 abr. 2025.

PRIMEIROS NEGROS. *A história do ballroom.* Disponível em: https://primeirosnegros.com/ballroom/. Acesso em: 27 maio 2025.

RAMOS, Marina Feldhues. *Conhecer fotolivros:* (in) definições, histórias e processos de produção. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2017.

REIS, Maria Luísa Martins dos; GONÇALVES, Michelle Bocchi. *Cultura Ballroom:* entrelaçamentos com a educação performativa. EntreLetras, [S.l.], v. 15, n. 2, p.

106–125, dez. 2024. DOI: https://doi.org/10.70860/ufnt.entreletras.e18943. Disponível em: https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/18943. Acesso em: 24 abr. 2025.

SILVA, Flávys Guimarães; SOUZA, Gleyde Lopes de; SYUGA, Lucas; RODRIGUES, Rodrigo. MARINELLI, Princesa Ricardo (coord). *Quero mais é tocar fogo:* o voguing e a cena Ballroom no Brasil. Ed. dos Autores: Pinhais, 2023. No prelo.

SILVA, Manoella Bittencourt Mendes. *Abra as portas para o Ballroom.* 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/4987. Acesso em: 24 abr. 2025.

TOZINI, Bella. *Lacração.* São Paulo: Edição da artista, 2022.

VAN VOGUE JAM**.** *Ballroom History.* Disponível em: https://www.vanvoguejam.com/ballroom-history. Acesso em: 27 maio 2025.

WHITE, Jan V. *Edição & design:* a edição brasileira do clássico Editing by Design. 3. ed. Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: JSN Editora, 2020.

## APÊNDICE A - GLOSSÁRIO

**007:** Pessoas que participam da cena ballroom mas não possuem uma house. São chamadas de 007, fazendo alusão a agentes secretos, pessoas que trabalham sozinhas.

**Balls:** Eventos e competições que reúnem membros da comunidade ballroom para disputar categorias de performance, estética, moda e expressão de gênero.

**Body:** Categoria que valoriza o corpo, frequentemente associado a proporções, tonificação, curvas ou definição muscular.

**Boyceta:** Termo usado em alguns circuitos ballroom brasileiros para se referir a corpos de pessoas transmasculinas, sendo uma identidade de gênero não binária que valoriza as masculinidades que fogem da cisnorma.

**Bring It to the Page:** Adaptação da frase *Bring It to the Runway*, muito utilizada para convocar alguém a apresentar sua performance na passarela. No contexto editorial, faz uma analogia direta à ideia de "levar para a página" toda a energia, estética e potência visual que, na ballroom, é levada para o palco ou passarela.

**Bufu:** Termo usado na cultura ballroom para se referir a algo extravagante e bonito, indicando que a pessoa teve sucesso ao representar o que queria, sendo um elogio.

**Butch Queens:** Homens gays cisgêneros afeminados que fazem parte da comunidade ballroom.

**Butch Queens Up in Drag:** Categoria ou conceito onde homens gays se apresentam montados em Drag Queen.

**Butches:** Pessoas designadas do sexo feminino ao nascer que expressam uma identidade de gênero ou apresentação masculina/masculinizada dentro da cena ballroom, podendo ser homens trans, transmasculinos ou lésbicas que performam masculinidade.

**Casas/Houses:** Famílias pós-sanguíneas escolhidas e formadas por membros da comunidade ballroom em formato de aquilombamento urbano. Cada house tem seus líderes (*Mother & Father*) e serve como suporte emocional, social e competitivo.

**Cash Prize:** É o prêmio em dinheiro para o melhor concorrente de cada categoria.

**Category Is:** Expressão utilizada durante as *balls* para anunciar a categoria que será disputada no momento. Usada pelos commentators, ela funciona como uma chamada performática, seguida do nome da categoria (ex.: *Category Is: Runway!*), sinalizando aos participantes e ao público qual é o foco daquela rodada.

**Catwalk:** Um dos cinco elementos do *Vogue* Femme; consiste em um caminhar nas pontas dos pés de forma elegante, fluída e exageradamente curvilínea.

**Chanter:** Pessoa responsável por criar as onomatopeias ritmadas (*“chants”*) ao vivo que embalam as performances durante as *balls*.

**Chop:** Quando alguém é eliminado/cortado de uma categoria por não atingir o padrão esperado. O jurado faz um gesto cortando com a mão acima da cabeça ou fazendo um X com os braços.

**Commentator:** Pessoa que narra, comenta, cria rimas, chama os gritos das casas e faz provocações ao vivo durante as *balls*, guiando as performances e empolgando o público.

**Crossdressing:** Ato de vestir roupas associadas a um gênero diferente do que o da pessoa.

**Duckwalk:** Um dos cinco elementos do *Vogue Femme*; exige que a pessoa caminhe agachada, pulando sobre os calcanhares de forma rítmica.

**Empress:** Título simbólico dado a uma pessoa de alta importância dentro de uma house, associado a império e poder, sendo considerado os "tios" da estrutura familiar, o braço direito das mães e pais.

**Face:** Categoria que valoriza os traços faciais, simetria, estrutura óssea, saúde da pele, maquiagem e carisma.

**Father:** Líder masculino de uma house, responsável por orientar, acolher e representar seus membros.

**Floor Performance:** Elemento do *Vogue* que inclui movimentos feitos no chão, como giros, extensões, poses e sensualidade.

**Freestyle:** Estilo de apresentação livre, sem uma estrutura rígida, onde a criatividade individual e o improviso são priorizados.

**Femme Queens:** Mulheres trans e travestis que fazem parte da comunidade ballroom.

**Grand Prize:** Maior prêmio da noite, geralmente em forma de troféu, concedido à pessoa ou grupo que vence as categorias das *balls*.

**Hands Performance:** Um dos cinco elementos do *Vogue Femme*; técnica que utiliza movimentos rápidos e fluidos das mãos para criar formas e enquadramentos no ar, muitas vezes acompanhando o ritmo dos chants.

**Icons:** Pessoas que estão há pelo menos 20 anos na cena e fizeram contribuições extraordinárias para a ballroom, sendo reconhecidas como referências e lendas vivas da cultura.

**Legends/Legendary:** Indivíduos que atingem um nível elevado de respeito e reconhecimento na ballroom, graças ao seu desempenho, consistência e impacto, sendo vistos como líderes na cena e possuindo de 6 a 10 anos de participação ativa.

**Mini Balls:** Versões menores e mais intimistas dos *balls*, geralmente focando em categorias específicas ou com menor quantidade de participantes e jurados.

**Mother:** Líder feminina (ou com energia materna) de uma house, responsável por cuidar, orientar e proteger os membros da sua casa.

**NB (Não Binário):** Pessoa que não se identifica exclusivamente como homem ou mulher, podendo ocupar um espaço de androginia, neutralidade, fluidez entre os gêneros e negação aos gêneros. Também possui espaço e categorias dentro da ballroom.

**New Way:** Estilo de *Vogue* que surgiu nos anos 90, com foco em linhas, flexibilidade, isolamentos corporais e precisão dos movimentos. Influência direta das latinidades circenses que moravam em Nova York na época.

**Old Way:** Estilo original do *Vogue*, focado em linhas retas, poses inspiradas em revistas de moda, simetria e elegância. Advindo das danças urbanas, pode incluir referências de luta, hieróglifos e profissões.

**Pioneers:** Pessoas que estiveram presentes na construção e fundação da cena em determinada região, sendo as primeiras pessoas influentes na cena daquele local e contribuindo para o legado da ballroom, administrando oficinas, reuniões e aulas.

**Prince:** Título simbólico dentro da hierarquia de uma house, geralmente associado a membros promissores e em ascensão, sendo como irmãos mais velhos.

**Princess:** Similar ao título de *Prince*, mas na forma feminina, para membros jovens ou em crescimento na cena.

**Queer:** Termo guarda-chuva que representa pessoas que fogem da norma cis-heteronormativa, englobando múltiplas identidades de gênero e orientação sexual.

**Read the Room:** É uma expressão usada tanto na cultura ballroom quanto fora dela, significando “entender o contexto”, “observar o ambiente”.

**Realness:** Categoria que avalia a capacidade da pessoa de se apresentar como uma identidade fora da sua (ex.: “*executive realness*” para parecer um homem cis hétero de negócios) e passabilidade cis-heteronormativa, como forma de ocupação e reivindicação de espaços.

**Rollcall:** Momento no início de uma *ball* em que o commentator chama as casas presentes, anunciando seus nomes de forma performática, como uma chamada.

**Runway:** Categoria de passarela onde se avalia a elegância, confiança, presença e o look, simulando desfiles de moda, com três elementos: poses, caminhada e giros.

**Spin & Dip:** Movimento clássico do *Voguing*, onde a pessoa gira e termina no chão com uma queda ou mergulho dramático e estilizado, conhecida como “*dip*” (antigamente chamado de “*death drop*” nos bailes *drag*).

**Statements:** Pessoas que estão em ascensão dentro da ballroom, estando na cena há 3 à 5 anos, sendo reconhecidas e tendo ganhado diversos prêmios, mas ainda não chegaram ao status de *Legend, Icon* ou *Star*.

**Stars:** Membros muito conhecidos, atuando também como DJs, *commentators*, dançarinos, produtores, designers ou em outra função, que estão ganhando destaque há 1 ou 2 anos.

**Strike a Pose:** Expressão muito comum na cultura ballroom, especialmente dentro das performances de *Vogue*, que faz referência ao ato de posar, segurar uma posição e expressar atitude, confiança e presença. As poses são elementos fundamentais na comunicação visual da ballroom.

**Tens:** Pontuação máxima (nota 10) que os jurados dão quando alguém executa bem sua performance ou *look*. Para avançar na categoria, é preciso receber "*tens*" de todos os jurados.

**Vogue:** Estilo de dança performática que mistura poses inspiradas em revistas, movimentos fluidos, elementos de acrobacias, dramatização e feminilidade, com diferentes estilos (*Old Way, New Way e Vogue Femme*).

**Vogue Femme:** Estilo de *Vogue* caracterizado por movimentos fluidos, femininos, sensuais e exagerados, com cinco elementos principais: *catwalk, duckwalk, floor performance, spin & dip* e *hands performance*.

**Vogue Nights:** Eventos sociais onde se pratica, celebra e performa *Vogue*, geralmente fora de competições oficiais.

**Women:** Mulheres cisgênero dentro da cena ballroom, que podem competir em categorias específicas ou gerais.

**You Own Everything:** Expressão afirmativa utilizada na ballroom para enaltecer quem domina completamente sua apresentação, performance, *look* ou presença. Representa autoconfiança, propriedade sobre sua identidade e excelência na execução.